

O Entretenimento e a Multissensorialidade como Moduladores do Amor Contemporâneo.

Francine Tavares¹

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Resumo

A partir da exposição de abordagens teóricas que mostram como os meios tecnológicos de comunicação podem alterar sensorialmente corpos humanos, considerando sobretudo a perspectiva da “modernidade neurológica”, o artigo apresenta a construção de uma hipótese que versa sobre como as combinações dos arranjos midiáticos atuais e o entretenimento como linguagem poderiam ser considerados moduladores das formas contemporâneas de relacionamento afetivo. O estudo faz uso de exemplos práticos que evidenciam como o entretenimento tem se espalhado pelos mais diversos segmentos da sociedade para trazer à superfície a suposição de que, talvez, o amor não escape a ele. Dessa forma, o texto expõe alguns desafios que podem ser encontrados na prática do pensar as configurações das relações amorosas contemporâneas no contexto da Cultura Digital, além de apontar alguns dos possíveis caminhos de pesquisa a serem perseguidos.

Palavras-chave: amor; relações amorosas; entretenimento; arranjos midiáticos; modulação.

Considerações Iniciais

No último *Valentine's Day*, o *Facebook* divulgou um estudo mostrando que era possível prever quando as pessoas iriam alterar seus status de relacionamento na rede social. Monitorando as interações dos casais no site por um período de 100 dias antes e 100 dias depois do início de um relacionamento, a equipe do *Facebook Data Science* consegue saber quando haverá mudança do status, que pode indicar tanto o início quanto o fim do namoro.

De maneira bem simples, o estudo se baseia no número e no tom das mensagens trocadas entre os parceiros. Os futuros casais costumam se comunicar com muito mais frequência nos 12 dias que antecedem a mudança do status, intensidade

¹ Mestranda em Comunicação, na linha Tecnologias de Comunicação e Cultura, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Orientador: Vinícius Andrade Pereira. Especialista em Pesquisa de Mercado pela UERJ, Relações-Públicas e Publicitária pela Facha. Bolsista Capes. E-mail: tavaresfrancine@gmail.com.

que se estabiliza por volta dos 85 dias após o início do namoro. A argumentação é que, após esse período, os casais passam a utilizar mais outras “mídias”, como telefone, SMS (atualmente, poderíamos dizer o Whatsapp) do que o *Facebook*. Outro dado interessante é que, segundo o estudo, as mensagens apresentam um tom mais carinhoso.² Além disso, 50% dos relacionamentos correm o risco de terminar nos primeiros seis meses. Entretanto, os namoros com mais de 24 meses, com base no status, têm apenas 20% de chances de terminar.

Dados como esses apresentados pelo *Facebook* sobre a maneira de usar os sites de rede social e as mídias digitais nos relacionamentos pessoais são imprescindíveis para refletir sobre as atuais configurações das relações amorosas. E é justamente sobre as possíveis alterações das relações amorosas mediadas pelos arranjos midiáticos, e não meios, conforme defesa de Pereira (2013, p.6), e pela linguagem do entretenimento que este estudo se propõe a pensar.

Partindo do princípio *mcluhaniano* de que a adoção de uma nova tecnologia implica em alterações perceptivas e sensoriais e que, atualmente, com a Cultura Digital, o que se tem são combinações diversas e provisórias em forma de arranjos midiáticos (*ibidem*, p. 14), cabe questionar se essas novas combinações tecnológicas interferem nos modos como se dão as relações amorosas. Se sim, como isso acontece e quais as implicações dessa mediação complexa e inédita.

Como se trata da apresentação embrionária da construção de uma hipótese de trabalho, não serão apresentados estudos empíricos e nem um levantamento dos meios pelos quais as relações amorosas se constituíram no decorrer de sua história. Não ainda. Neste artigo, serão apresentadas abordagens que permitem refletir sobre como é possível corpo-mente sofrerem alterações externas em função da ascensão de determinados meios/arranjos midiáticos e de novas linguagens.

Assim, este trabalho se dispõe a questionar se o entretenimento poderia ser considerado um modulador sensorial contemporâneo e quais as implicações cotidianas que as sensorialidades promovidas por ele poderia motivar nas relações amorosas.

² O breve estudo pode ser acessado no blog do Facebook: <https://www.facebook.com/notes/facebook-data-science/the-formation-of-love/10152064609253859>. Acesso em 13/10/2014.

Moduladores da Cultura de Massa

Numa perspectiva de análise social com foco na experiência subjetiva e singular que era viver no ambiente urbano em construção, teóricos como George Simmel, Siegfried Kracauer e Walter Benjamin direcionaram suas análises para a “concepção neurológica da modernidade” (SINGER, 2004, p. 116). Diferente das abordagens moral e política, cognitiva e socioeconômica, sem desconsiderá-las evidentemente, esses autores se dispuseram a pensar as implicações sensíveis da vida moderna em um ambiente “mais rápido, caótico, fragmentado e desorientador do que as fases anteriores da cultura humana” (*idem*).

Conforme investigaram Simmel (apud SINGER, 2004) e outros médicos especialistas do chamado “nervosismo moderno”, o esgotamento da capacidade sensível poderia ser uma das consequências fisiológicas causadas pela junção dos estímulos excessivos à estafante rotina urbana. Com o desgaste físico dos nervos, que tornavam-se fracos, lentos e menos sensíveis, a demanda por estímulos cada vez mais excitantes se tornava necessária.

Dessa forma, Kracauer (*idem*) correlacionou bem a ironia pela qual se articulava a relação entre a excitação proporcionada pelo entretenimento popular como compensação ao trabalho alienante e a experiência da vida urbana. “O sensacionalismo popular compensou e ao mesmo tempo imitou a estrutura frenética, desarticulada da vida moderna” (SINGER, 2004, p. 140).

A modernidade neurológica modulou a sensibilidade humana de modo que os sentidos passaram de um estado de desequilíbrio perante às diferenças entre a experiência pacata da vida pré-moderna e o ritmo acelerado da modernidade para um tipo diferente de sensorialidade. As competências sensoriais adquiridas nesse período possibilitaram a vivência na metrópole de forma não-traumática. Com o desenvolvimento e a prática de habilidades específicas para o modo de vida urbano, tal como a visão periférica tão necessária para a própria sobrevivência nas ruas da cidade e na condução de veículos, por exemplo, outras sensorialidades adquiridas e úteis em momentos anteriores da cultura humana deixaram de ser usadas ou passaram a ser acionadas com menos frequência.

Benjamin, no ensaio “A obra de arte na era da reprodutibilidade técnica”, Benjamin (1994), salienta o caráter único promovido pelo cinema em relação a sua coletividade até então inédita na contemplação, que deixa de existir nesse momento. É na distração possibilitada pela inauguração dessa nova forma de relacionamento com a arte que o homem moderno encontra a oportunidade para modular sua sensorialidade de acordo com as exigências do novo mundo. O filósofo destaca a potência do cinema enquanto meio de recepção tátil, tal como a arquitetura, em função da possibilidade que a distração (incluindo seus efeitos de choque e sequência de imagens) teria de fomentar hábitos, algo que não aconteceria na perspectiva da atenção concentrada na lógica ótica da contemplação artística.

Se na análise de Benjamin a tecnologia do cinema rompe com a lógica de culto da obra de arte e instaura uma nova relação artística com o sujeito moderno, Ben Singer (2004) complementa lembrando a intensidade das sensações que marcaram o início das projeções. “Desde muito cedo, os filmes gravitavam em torno de uma ‘estética do espanto’, tanto em relação à forma quanto ao conteúdo” (*ibidem*, p.136).

A exposição da plateia à excitação superficial e à estimulação sensorial do cinema permitiu que o coletivo experimentasse distraidamente a simulação da própria realidade urbana individualizada. Assim, autores como Benjamin e Kracauer acreditam que o sensacionalismo popular tenha funcionado como uma espécie de treinamento dos sentidos humanos, o que possibilitou a mutação da sensação e da percepção humanas (SINGER, 2004). Ao aplicar a hipótese freudiana da função autoprotetora da ansiedade, Benjamin sugeriu que os choques sensoriais do cinema serviam como antídotos de “preparação ou imunização contra os choques do ambiente moderno” (*ibidem*, p. 141).

Singer afirma, no entanto, que produções de entretenimento com enfoque sensacionalista e de alta intensidade emocional tiveram destaque na arena pública da diversão popular bem antes do cinema. O que aparecia na imprensa ilustrada em forma de crítica social com o início das mudanças urbanas e revelava uma espécie de admiração pelo grotesco, pelo extremo e pelo hiperestímulo, a partir de imagens que mostravam as consequências da modernização que ainda não se concretizara no cotidiano da época, passou a estruturar a experiência estética dos habitantes das

metrópoles. “À medida que o ambiente urbano ficava mais intenso, o mesmo ocorria com as sensações dos entretenimentos comerciais” (*ibidem*, p. 133).

Na modernidade, o cinema funcionou como meio de distração e de modulação sensorial ao mesmo tempo. Além disso, a criação da TV, e mais tarde seu aprimoramento, contribuiu para a desestabilização do ideal de interioridade e profundidade hegemônico da época, decompondo o “modelo cognitivo calcado na cultura das letras (*literacy*), que tomava a experiência da escrita e da leitura como práticas isoladas e individualizadas” (PEREIRA, 2013, p. 4). Com isso, o *ethos* moderno passou a se constituir na superficialidade da vivência que o ritmo metropolitano permitiu e na estimulação intensa das sensações ansiadas pelos habitantes do ambiente urbano.

Equalizadores da Cultura Digital

No exercício de compreender as mudanças promovidas pela cultura digital nas linguagens e nas sensorialidades em ascensão na atualidade, o pesquisador Vinícius Pereira recorre à publicidade e ao entretenimento “para tentar perceber melhor o que estaria em jogo no conjunto da questão que articula meios, linguagens e afetações percepto-cognitivas” (PEREIRA, 2013, p. 9).

O autor observa que as ações de comunicação habituais usadas pela publicidade e pela indústria de entretenimento passaram a ser utilizadas também por segmentos incomuns da sociedade. Com o objetivo de alcançar resultados satisfatórios no processo de economia da atenção no qual se baseia o modo como o público percebe ou é impactado pelas mensagens atualmente, diferentes setores têm explorado o “entretenimento como linguagem e a multissensorialidade como estratégias para conseguir a atenção de novos públicos” (*ibidem*, p.10). Como o sujeito da sociedade de massa, cujo aparato sensorio-motor foi modulado pela modernidade, anseia por diversão e prazer a todo instante, as práticas comunicacionais e sociais passaram a ser constituídas, em grande parte, pela lógica do entretenimento como linguagem.

Um dos desafios propostos por Pereira em relação ao estudo das sensorialidades na contemporaneidade é pensar como as novas linguagens podem afetar e até reprogramar os corpos e as mentes.

Quando os meios desaparecem, em favor de arranjos midiáticos que se redefinem o tempo todo em múltiplas e novas combinações e tramas, o meio ambiente é a mensagem. E a mensagem do meio ambiente hoje, mais do que nunca, é expressa através do entretenimento como linguagem e da multissensorialidade (*ibidem*, p.14).

Conforme conceituação do autor, as características que compõem essa linguagem seriam estas: envolvimento emocional, elementos lúdicos, expressões simples e intuitivas e multissensorialidade. Quanto à multissensorialidade, ele supõe ser um dos itens mais expressivos dos arranjos midiáticos atuais. Não apenas com a combinação de dois códigos sensoriais, que é o mais comum na comunicação audiovisual do cinema 2D e na TV, mas considerando agora um terceiro estágio de desenvolvimento sensorial midiático com a ascensão das linguagens e dos arranjos que integram áudio, visão e tato, como nos *games*, por exemplo.

Além disso, cabe dizer, o que torna o entretenimento como linguagem e a multissensorialidade sintomas singulares no âmbito da tecnologia de comunicação digital está justamente na correlação entre eles, uma vez que tanto o entretenimento quanto a multissensorialidade são expressões anteriores à cultura digital.

Os exemplos mais óbvios de como o entretenimento tem moldado o cotidiano podem ser encontrados na política e no jornalismo. No primeiro caso, basta uma observação rápida no horário eleitoral gratuito para ver como as campanhas políticas estão carregadas de signos de forte apelo emocional e/ou tiradas cômicas em detrimento de apresentação de propostas e projetos concretos de investimento social, econômico, educacional ou de saúde.

A linguagem – e nela incluem-se não só as palavras, mas o tom, o formato das letras, o movimento das câmeras, os cortes, a fotografia das cenas, as roupas dos candidatos, os personagens escolhidos para comporem os vídeos etc – muito se assemelha às produções hollywoodianas.

No caso dos candidatos de partidos menores, o cômico é usado para chamar a atenção. Um apelido diferente, um tom de voz mais grave, a incorporação de um

personagem conhecido popularmente e muitos outros artifícios são usados por candidatos no momento de defenderem sua candidatura.

O caso mais emblemático é o do palhaço Tiririca, eleito deputado federal mais votado em 2010, e o segundo mais votado da história do Brasil, com 1,35 milhão de votos, atrás apenas de Enéas, eleito com 1.573.112 em 2002. Na campanha, Tiririca apareceu vestido com os mesmos trajes que costumava usar em suas apresentações cômicas em programas de TV e em shows pelo Brasil: roupas coloridas, chapéu e peruca. Propostas ou projeto político não havia. Com o slogan “Vote em Tiririca, pior que está não fica”, o candidato prometeu que, se eleito, iria contar aos eleitores o que faz um deputado federal, já que nem ele sabia. Além disso, prometeu ajudar aos mais necessitados, inclusive sua família.³

Pensar em como o jornalismo tem assumido o entretenimento como linguagem também não é tarefa difícil. Nos casos mais explícitos, basta observar as capas diárias do jornal carioca Meia Hora. Conforme publicação do site Buzz Feed com as onze melhores capas eleitas, segundo critérios próprios, o jornal consegue tornar “momentos trágicos menos ruins”.⁴



Figura 1: dois exemplos de capas que fazem parte da lista do site Buzz Feed.

³ Os dados das campanhas do Tiririca podem ser acessados neste link:

<http://eleicoes.uol.com.br/2010/sao-paulo/ultimas-noticias/2010/10/03/com-mais-de-13-milhao-de-votos-tiririca-e-deputado-mais-votado-do-pais-e-deve-levar-mais-4.jhtm>. Acesso em 12/10/2014.

⁴ A lista com as onze melhores capas do jornal Meia Hora eleitas pelo site BuzzFeed pode ser acessada neste link: <http://www.buzzfeed.com/clapclapcla/11-capas-do-meia-hora-que-tornaram-momentos-tragi-g4vn>. Acesso em 13/10/2014.

Elementos de apelo emocional, simples, de fácil entendimento e artifícios lúdicos são usados diariamente pela imprensa nacional para chamar a atenção do público que já está habituado ao consumo de informações rápidas, curtas e “leves”.⁵

Ao se tratar de vida pessoal, os sites de redes sociais são os ambientes mais propícios para observar como o entretenimento se faz presente também no cotidiano de quem não faz parte diretamente da indústria da diversão. A divulgação da rotina diária no *Facebook* com o “bom dia” ainda de casa, passando pelo checking na academia, a fotografia do prato de comida na hora do almoço, a visita ao dentista e tantas outras tarefas corriqueiras até pouco tempo era privilégio das celebridades de mais destaque nas revistas destinadas ao gênero. Atualmente, na posse de dispositivos móveis de fotografias e de acesso à internet e os próprios sites de redes sociais são motivadores de produção e distribuição desse tipo de conteúdo. A linguagem das fotografias estilo *selfie* e a narração do dia a dia não deixam a dever praticamente nada ao formato de conteúdo que alimenta veículos como o site de celebridades Ego, por exemplo.

⁵ É possível eleger eventos da imprensa nacional que poderiam facilmente ser confundidos com roteiros de esquetes de comédia, suspense e até drama. No documentário “O Mercado de Notícias” destacamos o caso do “Picasso do INSS” e o simbólico caso da “Escola Básica”:
<http://www.omercadodenoticias.com.br/casos-jornalisticos/>. Acesso em 13/10/2014.

publicada em 26/9/2014 | atualizada em 26/9/2014

Juliana Paes mostra dois dentes que arrancou

Atriz publicou foto no Instagram nessa sexta-feira, 26.

do EGO, em São Paulo

33 comentários

Tweetar 6

Recomendar 26

Juliana Paes fez cara de menina travessa para mostrar dois dentes que teriam sido arrancados nesta sexta-feira, 26. A atriz publicou a foto no Instagram, mas apagou em seguida. Antes disso, porém, os seguidores não deixaram de se manifestar. Um deles chegou a cogitar que os dentes poderiam ser dos filhos de Juliana, mas outra rebateu. "Burrice achar que esses dentões são de criança".

Imagem 2: notícia publicada no site Ego sobre uma foto postada pela atriz Juliana Paes mostrando os dentes que teriam sido extraídos.

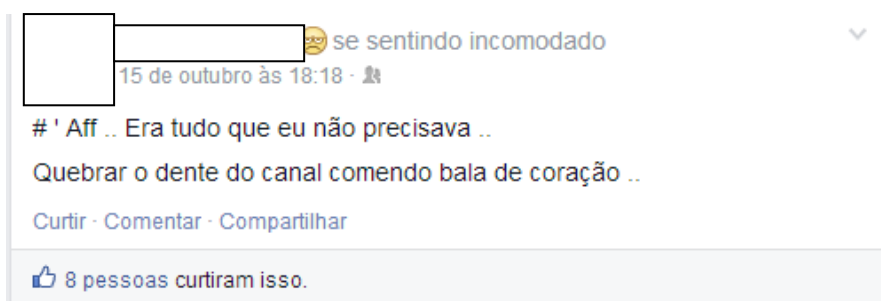


Imagem 3: publicação com conteúdo de caráter corriqueiro que se assemelha ao tipo de conteúdo postado pela atriz Juliana Paes no *Instagram* e noticiado pelo site Ego.

Se na sociedade moderna o entretenimento era instituído como produto para ser consumido nos intervalos dos períodos de trabalho, atualmente essa linguagem é diluída durante todo o dia dos habitantes da sociedade pós-industrial. Chegamos ao momento em que o entretenimento dissocia-se de seu sentido etimológico de “ter entre”, de “meio” e do estatuto moderno de compensação pela rotina de trabalho, ultrapassando os limites empresa-espço público / hora de trabalho-momento de lazer. Assim, ao invés de conservar a função de válvula de escape, é possível pensar no

entretenimento como um *ethos* contemporâneo, presente em todos os momentos da vida.

Construindo uma Hipótese sobre o Amor Contemporâneo

Se o entretenimento é a mensagem do meio ambiente e esse “meio” é capaz de modular sensorialidades, cabe pensar se o entretenimento e a multissensorialidade estão afetando a maneira como os humanos se relacionam afetivamente, como isso acontece e se é possível que as alterações motivadas pelos arranjos midiáticos digitais estejam se inscrevendo nos corpos de quem vive a Cultura Digital.

Para dar conta de tal investigação talvez seja necessário fazer um levantamento de quais meios faziam parte do cotidiano das relações amorosas antes da cultura digital. Apenas a título de exemplo, é possível constatar que as múltiplas combinações de meios como se têm atualmente não era uma realidade até vinte anos atrás. Se hoje os amantes dispõem de diferentes sites de redes sociais, de dispositivos móveis que possibilitam a conversação em praticamente todos os lugares, da própria internet etc. é necessário considerar que isso interfere no modo como as relações acontecem. O amor mediado por uma carta escrita a mão num papel de determinado tipo, com uma determinada letra, com as palavras e pensamentos do autor é diferente do amor comunicado por uma mensagem enviada pelo Whatsapp a partir de um telefone móvel, fazendo uso de um teclado digital, contendo ícones de expressões emocionais escolhidos em uma lista de opções oferecidas por aplicativos como o Emoji.

Longe de proferir juízo de valor sobre qualquer um dos modos de amar, não se pode negar que há diferenças. E talvez essas diferenças possam motivar e/ou serem motivadas por alterações sensoriais nos corpos-mentes humanos.

Ainda como etapas de uma pesquisa consistente sobre o tema, parece importante buscar eventos nos quais o entretenimento e a multissensorialidade possam ser encontrados em sua relação com o amor. Diferente de alguns estudos que se propõem a narrar apocalípticamente o fim do amor e das relações afetivas, o interessante nesta etapa seria justamente trazer à luz as diferenças dos modos de se relacionar.

Um dos maiores desafios de ter o amor como objeto de estudo na contemporaneidade é, sem dúvida, a fragmentação dos imaginários e das práticas dele. Como próprio da sociedade pós-industrial, não há uma única grande narrativa. Se outrora foi possível para os historiadores documentarem as narrativas hegemônicas do amor por épocas, fica difícil imaginar como esse projeto poderia ser bem-sucedido hoje. *Love* é a hashtag mais usada no *Instagram* no mundo inteiro, segundo o ranking Hashtag⁶, e ela serve para taggear uma infinidade de postagens que vão desde as fotos com namorados a pratos de comida, paisagens, animais e roupas.

As “incoerências” do amor vão além das publicações nas redes sociais. É curioso pensar que o argumento da liberdade sexual e afetiva esteja novamente em voga para uma geração que questiona a monogamia e o amor romântico e produz discussões sobre formas alternativas de se relacionar, aos moldes das relações livres e do poliamor, por exemplo, busca relações autônomas e sem compromisso a longo prazo,⁷ ao mesmo tempo em que o casamento continua sendo um desejo para uma parcela considerável de brasileiros. Os dados do IBGE confirmam o aumento de 1,4% no número de casamentos no Brasil em 2012. Foram mais de um milhão de pessoas se casando, contra 341,6 mil se separando⁸, sem contar os casos em que as pessoas preferem apenas morar juntas, sem oficializar legalmente a união.

O mercado de casamentos no Brasil (sim, existe um mercado, como chamam as próprias empresas que o constituem) movimentou cerca de 16 bilhões de reais em 2013, segundo a Associação dos Profissionais, Serviços para Casamento e Eventos Sociais (Abrafesta), e ainda prevê crescimento de 25% em 2014.

⁶ O índice é atualizado diariamente e pode ser acessado neste link: <<http://www.hashtagig.com/top-hashtags-on-instagram.php>>. Acesso 13/07/2014.

⁷ Muitas referências podem ser encontradas atualmente sobre opções de relacionamento afetivo que não se baseiam no amor romântico e na monogamia. Mais que uma decisão individual e estritamente emocional, o amor tem sido associado fortemente a uma postura política, com fortes ligações ao feminismo. Algumas referências possíveis: <http://www.poliamor.pt/> (site do “movimento” Poliamor em Portugal); <https://vimeo.com/23988620> (documentário brasileiro sobre poliamor); <http://rederelacoeslivres.wordpress.com/> (blog sobre Relações Livres. Entretanto, vale dizer, que a discussão sobre o assunto acontece com muito mais força nos grupos fechados e segmentados por regiões no Facebook). Todos foram acessados em 29/06/2014.

⁸ Casamentos são o triplo do divórcio no Brasil, diz IBGE: <<http://noticias.r7.com/brasil/casamentos-sao-o-triplo-dos-divorcios-no-brasil-diz-ibge-20122013>>. Acesso em: 30/06/2014.

A bióloga e antropóloga Helen Fisher, que pesquisa o amor há mais de trinta anos inclusive com estudos de mapeamento do cérebro, pode ajudar a entender essa aparente “incoerência”. Segundo ela o cérebro humano evoluiu com três impulsos básicos relacionados ao aspecto amoroso-sexual. São eles: sexual, amor romântico e apego. Para Fisher, esses circuitos não são acionados ao mesmo tempo com foco na mesma pessoa, na maioria das vezes. De acordo com a “biologia do amor”, o humano teria desenvolvido a capacidade de focar a energia produtiva em um indivíduo por vez num processo de economia de energia e tempo, o que possibilitou a habilidade de tolerar o outro com o objetivo de manter relações duradouras e interessantes para a reprodução. Essas constatações levantam algumas questões: a rotina amorosa vivida por meio do entretenimento e das tecnologias digitais multissensoriais podem motivar outras habilidades afetivas que não essas? Se os arranjos midiáticos e as novas linguagens privilegiam certos comportamentos, seria coerente pensar que outras capacidades possam não estar sendo acionadas com a mesma intensidade de antes?

Na palestra de Fisher no TED 2006⁹, ela comenta também sobre a diminuição da taxa de divórcios nos EUA entre os casais da terceira idade. Para a pesquisadora, os casamentos nunca foram tão bem-sucedidos. Esse “sucesso”, segundo ela, tem relação direta com o retorno da mulher à arena do trabalho e ao aumento da expectativa de vida.

No Brasil, entretanto, em relatório divulgado no final de 2013, o IBGE alerta para o fato de que as novas uniões têm durado cada vez menos tempo. A taxa de divórcio em 2012, embora menor que a de casamento, foi a maior desde 2002.¹⁰

Parece que o desejo do amor romântico, da relação de cumplicidade e confiança, do compromisso a longo prazo continua existindo, porém a continuidade das relações afetivas se torna cada vez mais difícil. Conforme assinala Fisher, os circuitos que modelam as relações afetivas humanas estão “profundamente enraizados no cérebro”. Os dados apresentados pela pesquisadora sobre a estabilidade dos

⁹ As considerações de Helen Fisher apresentadas neste artigo provêm da palestra ministrada pela pesquisadora no TED, cujo vídeo está disponível neste link: http://www.ted.com/talks/helen_fisher_tells_us_why_we_love_cheat?language=pt-br. Acesso em 17/10/2014.

¹⁰ Cresce número de casamentos, mas as uniões duram menos: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/12/1388286-cresce-numero-de-casamentos-mas-unioes-duram-menos.shtml>. Acesso 30/06/2014.

casamentos por casais da terceira idade nos EUA não se opõem a estes dados divulgados pelo IBGE. São gerações outras, expostas a estímulos diferentes e cujas relações são mediadas por dispositivos e intensidades ímpares.

Desvincular-se do imaginário do amor romântico é tão difícil porque não se trata apenas de imaginário, não é apenas de ordem cultural, econômica ou social, está inscrito no corpo. Ao mesmo tempo, adequar-se ao modelo de relação monogâmica se apresenta como um desafio cada vez mais difícil de ser superado. E aí é claro que as mudanças econômicas, sociais e culturais vão interferir no processo de alteração desses modelos. Uma sociedade na qual os modos de produção se alteram e passam a exigir dos funcionários envolvimento físico e subjetivo, deslocamento para onde for necessário, capacidade de estabelecer conexões móveis e adaptáveis no lugar de laços ou vínculos etc. ajuda a promover outras formas de relacionamento, evidentemente. Nesse sentido, Sennett, no livro “A corrosão do caráter” (1999) diagnosticou muito bem o quanto a então nova organização da sociedade norte-americana, a partir das relações flexíveis de trabalho e dos valores neoliberais, poderia transformar a noção de caráter e alterar a própria maneira como ele poderia ser formado.

Embora o foco desta pesquisa não seja pensar diretamente em como o capitalismo ou as mudanças das relações de trabalho podem interferir nas relações amorosas, é preciso considerar que também se passa por esse caminho. Assim, a intenção é fugir dos estudos de “causa e efeito” buscando estudar as materialidades com foco em como os dispositivos tecnológicos e as linguagens em ascensão, como o entretenimento, podem modular as sensorialidades e sensibilidades relacionadas ao amor.

Pensar a partir desse ponto faz todo sentido se considerarmos que até no ambiente de trabalho, nas escolas, na comunicação interna e externa de grandes empresas o entretenimento e a multissensorialidade têm se tornado imperativos. Diversão, felicidade e amor podem ser encaradas como a tríade existencial da contemporaneidade. Essas palavras justificam quase todas as tomadas de decisão atuais.

Cabe lembrar ainda que o cinema, o sensacionalismo e o hiperestímulo funcionaram como moduladores sensoriais na modernidade. Por que o entretenimento

não poderia ser pensado como um modulador contemporâneo, neste caso estudado, das relações afetivas?

Por que tolerar o outro a longo prazo é mais difícil atualmente do que na modernidade ou sociedade industrial? Por que a busca por parceiros semelhantes, com a intenção declarada de minimizar conflitos, tem se tornado uma constante? Por que o sofrimento não faz mais parte das narrativas de amor? Por que recuperar-se das dores do amor é mais fácil atualmente? Por que no amor atual existe um vencedor (geralmente aquele que se envolve e se expõe menos)? Por que mesmo com todas as contradições, incoerências e discordâncias nunca se falou tanto sobre o amor como hoje em dia?¹¹

Evidentemente, a intenção não é buscar respostas para todos esses porquês, mas, tomando as questões que atravessam essas perguntas como premissas, a maior questão a ser perseguida talvez seja esta: como foi que se chegou até a atual formar de relacionamento amoroso e o que esse “formato” tem a ver com os arranjos midiáticos e as novas linguagens?

Referências

BENJAMIN, Walter. **A Obra de Arte na Era de sua Reprodutibilidade Técnica**. In: Magia e Técnica, Arte e Política. Ensaios Sobre Literatura e História da Cultura. Obras Escolhidas. Vol. 1. São Paulo, Brasiliense, 1994.

ILLOUZ, Eva. **O amor nos tempos do capitalismo**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

PEREIRA, Vinicius. **Entretenimento como Linguagem e Multissensorialidade na Comunicação Contemporânea**. Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos

Interdisciplinares da Comunicação XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Manaus, AM – 4 a 7/9/2013. Disponível em:

<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/R8-1691-1.pdf>. Acesso em: 07/10/2014.

¹¹ Essas questões têm aparecido para a autora de diversas maneiras. Seja em conversas com colegas da vida, nas histórias ouvidas pelas ruas, nas publicações de conhecidos nas redes sociais e, com mais clareza, em textos sobre as peculiaridades das relações contemporâneas compartilhados por um número considerável de pessoas na internet. Apenas para exemplificar, dois dos textos mais expressivos sobre o assunto: “18 Verdades cruéis sobre os relacionamentos modernos que você vai ter que encarar” <http://relatosdeumadiva.wordpress.com/2014/04/11/18-verdades-cruéis-sobre-os-relacionamentos-modernos-que-voce-vai-ter-que-encarar/> (acessado em 16/10/2014) e “Relacionamento é coisa séria!” <http://www.revistacatwalk.com.br/relacionamento-e-coisa-seria/> (acessado em 16/10/2014).

SENNETT, Richard. A corrosão do caráter: as consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Rio de Janeiro: Record, 1999.

SINGER, Ben. Modernidade, hiperestímulo e o início do sensacionalismo popular. In: CHARNEY, Leo & SCHWARTZ, Vanessa. O Cinema e a invenção da vida moderna. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.